

População Cultural promove inclusão social de jovens

Fundação Cultural apóia projeto que cria novas possibilidades profissionais para comunidades pobres

O grupo de capoeira Ginga e Malícia começou para oferecer novas oportunidades aos meninos e meninas que corriam ociosos pelos becos da Baixa da Égua, situada nas imediações do bairro da Federação. Apoiado por uma ONG inglesa, o professor Malhado construiu uma sede, comprou uniformes e começou a disciplinar a garotada ao som do berimbau. Anos depois, o programa recebeu reconhecimento, criou novas formas de integração, mas ainda buscava novas formas de inclusão social para seus integrantes. O mestre queria que seus alunos tivessem acesso à arte, que conhecessem um pouco de teatro, dança e literatura.

O apoio veio da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb), através do programa População Cultural. Criado com o objetivo de oferecer meios de sustentabilidade da cultura na Bahia, promovendo inclusão sociocultural e no mercado de trabalho, o programa está sendo realizado, atualmente, em 14 bairros da capital baiana. Além de apoiar iniciativas de grupos populares, contribui para aumentar a auto-estima dos participantes e fortalecer os trabalhos já desenvolvidos pelas próprias comunidades. Na Baixa da Égua, o projeto começou com outro objetivo, o de associar os movimentos de capoeira à dança.

No entanto, uma deficiência na composição de um grupo assíduo atrapalhou a decolagem do trabalho e a comunidade optou por dar continuidade à capoeira com um professor local, que está sendo pago pela Funceb, para dar aula a 60 crianças e adolescentes, três vezes por semana. "É sempre a comunidade que determina qual será o trabalho desenvolvido. Nós chegamos para oferecer professores mais preparados, que garantirão um aperfeiçoamento das técnicas, garantindo a profissionalização dos grupos", explica o coordenador do projeto, Elísio Lopes Júnior.

Além disso, os jovens incluídos no programa no bairro da Baixa da Égua receberam convites para conhecer o Teatro Castro Alves, assistir a um dos espetáculos do Vila Dança e também outros espetáculos culturais. Foi assim que boa parte das 30 crianças incluídas no grupo viram pela primeira vez um palco. "Acho que esse primeiro contato foi muito importante, mas também deficiente, porque não nos deu a oportunidade de levar a todas as crianças", analisou o mestre, que está sendo pago pela Fundação para coordenar as atividades na comunidade.

No bairro de Plataforma, onde está mais um dos 14 projetos comunitários apoiados pelo População Cultural, os rumos do projeto estão seguindo o cronograma previsto pelos seus organizadores. Duas vezes por semana, 32 jovens, entre nove e 20 anos, se reúnem para participar de aulas de dança e teatro promovidas gratuitamente. Todos os adolescentes que fazem parte deste grupo já estavam integrados em atividades ligadas à Sociedade Beneficente e Cultural do Loteamento Planalto Real. Com a chegada do População Cultural, eles terão a possibilidade de profissionalizar o trabalho desenvolvido e desenvolver técnicas mais aprofundadas, apoiados por profissionais de destaque da cena local.

Oficinas qualificam grupos

As oficinas artísticas são a responsáveis pela qualificação artística dos grupos das comunidades. São 14 oficinas em processo de elaboração para a apresentação final no festival. Como parte dessa linha existem ainda as oficinas de literatura e de encontros literários e a produção de textos com a oficina de criação literária. Os encontros acontecem nos bairros de Ogunjá, Massaranduba e Alto do Cabrito. A Oficina de Criação Literária atua na Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina.

A diferença entre os dois grupos está no rumo que foi dado aos projetos. A semelhança é que ambos surgiram a partir de um esforço social de levar novas oportunidades para as crianças e jovens de suas próprias comunidades.

Como no População Cultural tudo é definido pela comunidade, o professor, o tema trabalhado, o horário das aulas e como elas vão evoluir dependem da comunidade. "Em alguns bairros temos trabalhos que merecem verdadeiro destaque, enquanto, em outros, os resultados não são tão bons assim. Tudo isso é o reflexo de uma carência social imensa: Assim, todo o trabalho que fizermos será sempre uma gota no oceano", explica o presidente da Funceb, Armindo Bião.

Aulas de dança e teatro em Plataforma



Entusiasmados, os pequenos artistas resgatam a auto-estima através do projeto

Fotos de Marcio Costa



No gingado da dança-luta criada pelos escravos, jovens da Baixa da Égua reconstróem novos rumos para a sua própria história



As palmas dão o ritmo do canto na roda de capoeira

Transformando sonhos em realidade

Mas o População Cultural promete ir ainda mais longe e tornar o sonho de profissionalização dos grupos de bairro uma realidade. Segundo Elísio Lopes, as ações do projeto são todas baseadas em pesquisa feita em 2003, com as comunidades envolvidas, pontuando as dificuldades e os anseios dos grupos que trabalham com arte popular. "Em função disso, o projeto atua em cinco linhas de ação: O banco do empreendedor, o passe-livre, o Grupo de Convivência e o Apoio às Ações Artístico-Culturais", detalha.

O Banco do Empreendedor é uma iniciativa estruturante cuja ideia é sistematizar a elaboração de projetos culturais nessas comunidades carentes de informação. "A intenção é criar um selo de qualidade para que os projetos elaborados a partir dessa inicia-

tiva sejam facilmente identificados que foram orientados pelo estado", afirma o assessor.

No primeiro semestre, a coordenação do Banco construiu uma rede visando integrar os dez bairros numa discussão sobre a política cultural do Estado e a visão social de cada UCP, além de debates sobre planejamento estratégico, diagnóstico participativo e economia solidária. No segundo semestre começaram os trabalhos de estudo e gestão de projetos.

A falta de acesso das comunidades aos espetáculos fez com que surgisse a outra linha de ação, que é o Passe-livre. Através dele, uma média de 1.150 espectadores tiveram a oportunidade de assistir a 12 espetáculos entre os meses de março a junho. Mais de 14 trabalhos foram assistidos por 621 pessoas, num

total de 26 apresentações.

O Grupo de Convivência é realizado através do Liceu de Artes e Ofícios, com o objetivo de trabalhar a captação de recursos com os comerciantes locais e pais dos alunos pertencentes aos grupos artísticos. Assim o grupo ataca um dos maiores problemas para a realização de trabalhos comunitários.

A outra linha é o Apoio às Ações Artístico-Culturais. Foi assim que a Funceb conseguiu resgatar e fortalecer eventos como o 12 Horas de teatro e o Projeto Samba Juninos. O primeiro possibilitou que grupos de cultura popular que nunca tinham entrado no TCA pudessem vivenciar o mundo do teatro, participando de oficinas, palestras e apresentações. O segundo possibilitou o resgate de uma tradição do Nordeste de Amaralina de mais de

30 anos, que estava fadada a desaparecer.

Graça ao Samba Juninos, os três grupos que atuavam no bairro se multiplicaram e hoje já somam oito, com cerca de 400 participantes. A manifestação cultural tem uma expressão muito forte como arte popular. Muitas das letras utilizadas pelos grupos foram base para artistas da axé music. O Samba Juninos foi o primeiro a ser trabalhado pelo População Cultural ainda como projeto piloto. "Alguns artistas famosos passaram pelos grupos como Tatau, do Ara Ketu, e Ninha, da Timbalada", lembra Elísio Lopes. Ainda como parte dessa linha de ação está em fase de planejamento o Projeto Crianças da População, com a participação de crianças dos dez bairros em uma grande oficina pública de atividades lúdicas.